

MEMÓRIA E ESTRANHAMENTO NO CONTO DE GUIMARÃES ROSA, “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”.

MEMORY AND THE TALE ESTRANGEMENT GUIMARÃES ROSA, "THE THIRD BANK OF THE RIVER."

*Nasione Rodrigues Silva**

Elcione Ferreira

Maria Aparecida Soares Ferreira Banfi

RESUMO: Este artigo tem como objetivo trabalhar os conceitos de memória, estranhamento e o lugar do leitor no texto. Propomos discutir a terceira margem no conto de Guimarães Rosa, e a configuração do estranhamento pautada pela ruptura entre o plano físico do rio, e o plano simbólico de uma margem alternativa, a terceira, criada pela memória do filho. As margens fracionam o tempo na mesma medida em que permitem a ruptura entre passado e presente. A narrativa sistematiza a memória e revela um paradoxo de formas convencionais, de valores, levando o leitor a reorganizar suas expectativas tanto em relação ao saber quanto aos sentidos até então fixados. Para Jauss (apud Zilberman, 2009), o leitor ao se tornar emancipado tem seus conceitos de significados do valor estético ampliado, o que possibilitará o princípio da “pergunta e resposta” possibilitando a interpretação de novos horizontes. Partindo dessa concepção, a estilização da memória individual amplia-se como cultural e coletiva, no conto ora apresentado, por meio da personagem narrador, o filho, que retoma desde sua infância até sua velhice, a ausência do pai no seio familiar. É pela linha da hereditariedade, pai e filho, que o evento narrado elege a experiência como singular e individualizadora na cultura, matizadas no conto como isolamento em uma canoa, ao ermo. Este estudo localiza a base teórica sobre a memória e a recepção do leitor. Destacamos aqui Bergson em *Matéria e Memória* (2009) e Bachelard em *Dialética da Duração* (1988).

Palavras-chave: Conto, Memória, Guimarães Rosa.

ABSTRACT: This article aims to work the concepts of memory, estrangement and place the reader in the text. We propose to discuss the third bank in the story of Guimarães Rosa, and configuration of estrangement guided by the physical separation of the river, and the symbolic level of a margin Alternatively, the third, created in memory of his son. The margins at the same time break down as they allow the rupture between past and present. The narrative systematized memory and reveals a paradox of conventional forms, values, leading the reader

* Mestranda em Estudos Literários pelo PPGEL-UNEMAT, Campus de Tangará da Serra-MT. Bolsita CAPES. Email: nasioners@hotmail.com

Mestranda em Estudos Literários pelo PPGEL-UNEMAT, Campus de Tangará da Serra-MT. Bolsita CAPES. Email: elcione_tga@hotmail.com

Mestranda em Estudos Literários pelo PPGEL-UNEMAT, Campus de Tangará da Serra-MT. Email: girlbanfi@hotmail.com

to reorganize their expectations in relation to knowledge about the meanings set out so far. For Jauss (cited in Zilberman, 2009), the player to become emancipated has its meanings of the concepts of aesthetic value increasing, which will enable the principle of "question and answer" enabling the interpretation of new horizons. Based on this concept, the styling of individual memory expands as cultural and collective, in the story presented here, through the character narrator, the son, taking over from his childhood to his old age, the absence of the father in the family. It is the line of heredity, father and son, who narrated the event elects experience as unique and individualizing culture, nuanced tale in such isolation in a canoe, to the wilderness. This study finds the theoretical basis on memory and the receipt of the reader. We highlight here Bergson in *Matter and Memory* (2009) and Bachelard in *Dialectic of Duration*(1988).

Keywords: Story, Memory, Guimarães Rosa.

“A terceira margem do rio” do autor Guimarães Rosa nos faz refletir sobre o porquê do nome, causando um estranhamento, já que para um leitor comum não existe uma terceira margem no rio, rompendo com o horizonte de expectativas do leitor que conhece o rio com duas margens, sendo que, em seu conhecimento de mundo a terceira seria uma ruptura com as suas experiências de vida. No entanto, para o leitor crítico a terceira margem é o espaço em que se encontra o pai. E nisso consiste o que diz Zilberman:

É o que ocorre à noção de estranhamento, concebida como o efeito necessariamente provocado pela arte, quando esta possui qualidade. Vale dizer, um bom produto artístico mobiliza vários artificios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor. (2009, p.19).

Sendo assim, podemos dizer que o texto nos revela um paradoxo, pois ao lê-lo logo de início é necessário que as formas convencionais sejam deixadas para trás, tendo em vista que, várias imagens levam o leitor a reorganizar suas expectativas tanto em relação ao saber quanto aos sentidos até então fixados. Em Jauss *Apud* Zilberman (2009) o leitor ao se tornar emancipado tem seus conceitos de significados do valor estético ampliado, o que possibilitará o princípio da “pergunta e resposta” favorecendo a interpretação de novos horizontes.

Nesse sentido, percebemos a inquietude do narrador, pois o rio em si possui duas margens, a terceira seria o lado desconhecido do ser humano, a busca para o entendimento do eu, o questionar o seu lugar no mundo, e na procura desse seu lugar no mundo, essa terceira margem é algo que não é palpável, o inconsciente do ser, tanto do pai quanto do filho que traz subjacente essa imagem a qual não consegue entender como alguém deixa um lugar seguro

para viver em um espaço até então imaginável, o rio. E nisto podemos dizer que, o rio remete aos sonhos e devaneios. A terceira margem seria as limitações do homem perdido em si, ou seja, o isolamento. Bergson nos diz que:

[...] As imagens passadas, reproduzidas tais e quais com todos os seus detalhes, e inclusive com sua coloração afetiva, são as imagens do devaneio ou do sonho; o que chamamos agir é precisamente fazer com que essa memória si contraia ou, antes, se aguçe cada vez mais, até apresentar apenas o fio de sua lâmina à experiência onde irá penetrar. (1999, p.121).

Contudo, “A terceira margem do rio” é narrada em primeira pessoa, pelo discurso do filho que apresenta a história de seu pai que se mistura a sua lembrança de infância. Como narrativa memorialística o tempo decorrido entre o vivido e o lembrado parte da fase adulta e encontra a infância, e nisso, o tempo psicológico sobressai, pois a narrativa começa quando ainda criança e perdura até a sua velhice. O conto apresenta um espaço rural “Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios (ROSA, 1988, p.32)” delimitado na margem do rio em que se vê filho e pai indo e vindo constituídos pela consciência do filho, em que somos levados pelos pensamentos e sentimentos, as angústias do filho, por não saber o porquê de o pai estar vivendo em uma canoa, a culpa de achar que o pai fora para a outra margem, e de ter que permanecer naquele espaço por pensar que o mesmo precisasse dele. “Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei – no vagação, no rio no ermo – sem dar razão de seu feito. (...) (ROSA, 1988, p.32)”. Sendo assim, notamos que o espaço não é apenas o rural temos a canoa, o rio e a margem. A canoa o meio pelo qual o pai utiliza para que no fluir das águas, no ir e vir da correnteza ele possa obter respostas para seus conflitos existências, pois o rio para ele nesse momento é o espelho que com suas águas o purifica e desta forma, retornaria da terceira margem com explicações para sua existência no mundo.

O pai mesmo diante das adversidades foi capaz de fazer essa travessia, enquanto que o filho não teve esta coragem preferiu permanecer firme entre as duas margens e nisto consiste o que podemos chamar de real existência humana, o medo de transpor-se ao desconhecido.

É visível que o conto apresenta um paradoxo, neste contexto, o leitor não pode levar em consideração o que é tido como normal ou convencional e assim, o sentido e o não-sentido oscilam, o que faz com que o leitor deverá se organizar nesta estrutura para compreender, questionar ou localizar-se diante do que sugere a memória do filho, que por sua vez toma as responsabilidades em guardar a memória do pai. Em Bachelard (1988) a memória é atraída entre o passado e o presente em que o narrador lembra os fatos vividos atribuindo uma

pretensa objetividade em busca de resposta para entender o presente, é um todo não fechado da própria vida situada no limiar da existência indicando uma transformação. Sendo assim, a lembrança do narrador-personagem tem movimento e está medida no tempo presente e passado. O presente é o momento em que o narrador remete as lembranças mesmo que fragmentadas decorrentes, pois, o passado já ocorreu e nisto se constitui a memória no presente.

Ainda criança o narrador-personagem mostra o desejo de permanecer junto ao pai, - “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa” (ROSA, 1988, p.32), tendo o seu pedido negado, mesmo assim, põe-se a visitar o pai todos os dias a beira do rio e levar alimentos escondidos de sua mãe, ou melhor, ela fingia não saber. “Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava facilitada, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava” (ROSA, 1988, p.32). No entanto, o pai mantinha se distante, mostrando querer ficar longe da família, de não ter responsabilidades com os mesmos, numa busca constante do verdadeiro teor humano.

O que percebemos é que o tempo se materializa na memória e que o espaço das recordações são construídas de forma a não contrariar a continuidade do ritmo na percepção do narrador, entre a memória e o imaginário, como diz Bergson: “[...] toda imagem lembrança capaz de interpretar nossa percepção atual insinua-se nela, a ponto de não podermos mais discernir o que é percepção e o que é lembrança.” (BERGSON, 1999, p.117).

Denotamos na narrativa o conflito sentido pelo narrador, pois, seria ele realmente culpado pela ausência do pai? Ou uma fuga da realidade que o levou a seguir a tradição herdada da crise existencial vivida pelo pai, pois para ele a presença paterna se torna um exemplo de vida, a ser honrada.

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. (ROSA, 1988, p.32).

Desta forma, percebemos a angústia presente nesta narrativa, pois, tanto o pai quanto o filho seguem o mesmo percurso, ou seja, vivem a procura de se encontrarem, o pai se isola ao ermo em uma canoa; o filho mesmo depois de crescido não teve perspectivas de vida,

escolheu o isolamento e não constituiu família. Mesmo sem perceber continuou a fazer aquilo que o pai fez, isolando-se na margem da vida, representada simbolicamente pelo movimento do rio. Rio, família e hereditariedade (pai e filho) constituem o curso da vida, das escolhas estabelecidas como forma de bem viver.

E a vida passou, ele se sentia velho e a culpa da ausência do pai continuava a ponto dele pedir para ficar no lugar do pai, mas, por medo fugiu.

Pai, o senhor esta velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontade, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...”[...]” Ele me escutou ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá concordado. E eu treme, profundo de repente, porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saldar de gesto - o primeiro depois de tamanho anos decorrido! E eu não podia... Por favor arrepiados os cabelos corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado.(ROSA, 1988,p.32).

Nesse contexto, percebemos a fragilidade interior do personagem-narrador, pois, ele tem a oportunidade de mudança de vida, mas não tem coragem de enfrentar os novos desafios. Tendo em vista, que toda a sua família muda de vida, até mesmo seu pai estando velho, aceita a mudança quando o filho propõe a troca de lugares.

Todavia, o narrador-personagem no momento em que faria a troca de lugares, por medo do desconhecido não a fez, levando a pensarmos que no exato momento que ele teria as respostas para as suas angústias desistiu por não ter coragem de saber toda a verdade as quais ele sempre questionou. Essa recusa impede a oportunidade do pedido de perdão e a liberdade em relação à culpa, que ele manteve em sua memória.

Por causa disso, na tentativa de se justificar pelo medo, pede para que os outros o coloque em uma “canoinha” depois de seu falimento, percebemos que o narrador-personagem mesmo em vida sente-se morto e pior do que o seu pai, pois se questiona quanto a sua hombridade “[...] Sou homem, depois desse falimento? [...] (ROSA, 1988, p.32)”. Ou seja, em sua busca ele não consegue ir para outra margem, é preciso que os outros façam por ele, para que de certa forma possa viver a terceira margem como o pai viveu.

[...] Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (ROSA, 1988, p.32).

Notamos, então, que em sua memória o consolo de suas angústias se dará após a sua morte, pois, ficará a vagar ao ermo em uma canoinha, (mas uma canoinha feita pelos outros e não por ele) assim como foi à vida de seu pai, constituindo-se plenamente a fuga generalizada do viver em sociedade, encontrando a plenitude da vida.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. “A Dialética da Duração”. São Paulo: Ática, 1988.

BERGSON, Henri. “Matéria e Memória”. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, Alain. “Dicionário de Símbolos”. 12ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ROSA, Guimarães. “Primeiras Estórias”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.32.

ZILBERMAN, Regina. “A Estética da Recepção e História da Literatura”. São Paulo: ÁTICA, 2009.